

# A POMBA-GIRA E A GARGALHADA

## Um estudo sobre a Comunicação e o Corpo

**Bruna Cardoso de Oliveira**

A autora é bolsista da CAPES, mestranda no Mestrado de Comunicação Social na linha de Processos Comunicacionais na Cultura Mediática do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Brasília.

### INTRODUÇÃO

*Toda comunicação inicia no corpo e termina no corpo*

Harry Pross

O corpo é a base para nossa comunicação. É por ele que efetivamos a possibilidade de diálogo, de troca e de envolvimento com o que sentimos e com o que nos cerca. Por ele iniciamos nosso ato comunicacional e renovamos a possibilidade desse ciclo continuar. Este artigo propõe analisar a experiência mística-corporal da incorporação da Pomba-gira, ou seja, da experiência através do corpo, pelo viés de sua gargalhada como possibilidade de ato comunicacional e texto cultural.

Neste sentido exploraremos alguns aspectos relacionados a Comunicação, como a posição do corpo quanto mídia primária, sua relação com a alteridade e seu papel de texto cultural. A partir desse primeiro contexto entraremos em um panorama semiótico - cultural em diálogo aberto e tramado com o viés da incorporação quanto chance de vivência do metáforo e sublimação de uma 1ª realidade pragmática. Alcançaremos ainda a noção das raízes da cultura e aproximaremos seus conceitos com a experiência da incorporação. Seguiremos com o cenário identitário da gargalhada relacionada ao seu contexto histórico ocidental e sua significação com a comunicação e a gestualidade presentes na figura do feminino representada pela Pomba-gira.

Ao relacionarmos conceitos que aparentemente nos soam distantes iniciaremos uma experiência de aproximação do místico utilizando-se de caminhos que dialoguem com o imaginário e o sensível. Essas noções abraçam um olhar que procura investigar o

**Resumo:** O presente artigo propõe o estudo da gargalhada alinhada ao fenômeno da incorporação da Pomba-gira à luz das teorias da semiótica da cultura, do metáforo e do estudo do corpo na Comunicação.

**Palavras-chaves:** Pomba-gira, corpo, comunicação, gargalhada, semiótica da cultura

**Abstract:** The following article proposes a study of laughter linked to the phenomenon of channeling the “Pomba-gira”, in light of the theories of semiotics of culture, of the metaphore and the study of the body in Communication.

**Keywords:** Pomba-gira, body, communication, laughter, semiotics of culture.

espaço do feminino, do corpo e da religião quanto maneiras legítimas de comunicação.

## CORPO E COMUNICAÇÃO

O corpo é ponto fundamental dentro do processo comunicacional. Por ele os caminhos se iniciam e para ele retornam como uma primeira abertura, um primeiro meio para se comunicar. “Eis a mídia primária. Impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens” (BAITELLO, 1999, p.2). Mídia primária é o conceito abordado por Baitello, em um resgate a Harry Pross, ao se pensar em uma classificação para as diferentes formas de comunicação desenvolvidas com o avanço tecnológico. A mídia primária é a mídia que necessita do tempo e do espaço presente. É aquela que acontece no durante do encontro entre dois corpos e que está inserida em todas as outras mídias comunicacionais.

A necessidade do homem em ultrapassar e dilatar o tempo e o espaço da mídia primária construiu novos meios de comunicação que foram classificados em mídia secundária e mídia terciária. Em um panorama rápido, a mídia secundária acontece por meio de um “aparato tecnológico que aumenta o raio de ação temporal ou espacial do corpo que diz algo, que transmite uma mensagem ou que deixa suas marcas para que outro corpo, em outro espaço ou em outro tempo, receba os sinais” (BAITELLO, 1999, p.3). Portanto, é uma mídia que “vence a morte”, que perpetua o pensamento e o rastro desse corpo que não precisa mais estar presente.

Na mídia terciária, após vencido o tempo e o espaço, o homem ganha velocidade, instantaneidade. Não era mais suficiente “vencer a morte”, por exemplo, ao deixar livros escritos, era necessário fazer isso de maneira rápida, imediata. A “mídia terciária” requer não apenas um aparato para quem emite, mas também um aparato para quem recebe uma mensagem” (BAITELLO, 1999, p.3). Com isso telefone, televisão, computador; todos se tornam médiuns da instantaneidade que o corpo só alcança na presença de outro corpo. Entretanto, por que se faz necessário conhecer esse panorama? Para que consigamos visualizar de maneira clara, que apesar do desenvolvimento de diversificados aparatos tecnológicos, o corpo sempre estará contido dentro do processo de comunicação. Ele sempre será o ponto de partida e o ponto de chegada de um ato comunicacional.

Exposto isto, caminharemos um pouco mais. No

corpo vivenciamos a experiência do diálogo entre o eu e o outro, e a ciência das nossas limitações e diferenças a partir de um reconhecimento do que nos cerca. Esse reconhecimento sugere o conceito de alteridade, de consciência comunicacional construída pela vivência com o outro.

enquanto homem, reconheço a existência de outro ser diferente e complementar a mim, que colabora para me determinar. O verdadeiro princípio do ser é o Eu unido ao Tu. Sozinho, o homem não é nada, nem ser moral, nem ser pensante; apenas na comunidade, na aliança de um ser humano a outro, está contida a essência desse ser humano. Essa comunidade apoia-se na diferença do Eu e do Tu” (MARCONDES, 2010, p.41)

A alteridade constrói o corpo aberto ao diálogo, médium transposto pelas diferenças entre o Eu e o Tu. Marcondes explica pelo conceito de metáporo, a abertura do corpo ao que o cerca. Ele explica a capacidade desse corpo em criar poros e passagens para que o diálogo ocorra e que esse acontecimento se efetive de fato em um ato comunicacional. “Logos é uma palavra que atravessa, que alinha, que liga, que amarra os envolvidos na conversação, diálogos. Lugar de encontro, espaço “entre”, dimensão que faz par com o “durante”, na ocorrência do aqui e agora da relação dialógica” (MARCONDES, 2010, 45). Essa é uma característica inerente ao corpo mídia, o espaço e tempo presente; o momento durante em que acontece a partilha do que se é. “No diálogo, abolem-se os limites entre o eu e o não-eu, eu dissolvo-me na carne do mundo, não sou mais eu quem fala, a fala fala em mim” (MARCONDES, 2010, 46).

A alteridade oferece a consciência da delimitação do que se é para que então esta nova fronteira seja perpassada pela Comunicação. “A fala fala em mim” e esta fala não respeita fronteiras no momento em que é partilhada em um diálogo. Enquanto lançada da fronteira do Eu alcança a fronteira do Tu e já então não temos mais fronteiras, mas um entre onde a fala habita. Esse entre, ou momento durante, onde a fala está, é o próprio corpo que mesmo habitando outras mídias permanece incluído em todas elas. A fala não é apenas o que se diz, mas também o que se cala, o que se gesticula e intui. Ela não é necessariamente uma gramática clara e definida por palavras. É uma intuição fluídica entre os corpos participantes do diálogo.

Entramos agora numa terceira perspectiva sobre o corpo e a Comunicação. Passamos pelo corpo enquanto mídia primária, quanto alteridade e agora chegamos ao corpo enquanto texto e discurso. A

## A INCORPORAÇÃO MÍSTICA E A SEMIÓTICA DA CULTURA

O conceito de cultura, sem dúvida, é abrangente e possui diferentes definições. Neste trabalho caminharíamos com a descrição dada por Bystrina ao pensar a cultura e sua semiótica. Um conceito que abarca o imaginário, a imaginação, a poesia e o sensível; como ponte única para superação do cotidiano pragmático que vivenciamos.

Entendemos por cultura todo aquele conjunto de atividades que ultrapassa a mera finalidade de preservar a sobrevivência material. Ela é constituída de coisas aparentemente supérfluas, inúteis. [...] O que podemos dizer de novo sobre a cultura é que, no seu cerne pulsante, ela existe para si mesma, ou seja a cultura é pela cultura. Apenas na sua periferia, nas suas margens é que ela se torna algo que serve para outras finalidades” (BYSTRINA, 1998, p. 3).

Bystrina nos aponta a “aparente” superficialidade da cultura. Aparente porque ela, na verdade, se constitui de complexas e mutáveis transformações que se desdobram em textos e signos que ultrapassam a compreensão pragmática do cotidiano e que o complementa de maneira necessária. “A cultura é um cultivo de hábitos, de gostos, de escolhas. Uma plantação da imaginação, da fantasia, da loucura e dos sonhos” (IASBECK, 2014). A cultura se alimenta da vivência de um povo, de suas crenças, seus estereótipos e seus textos. Todos constroem e desconstróem esse ente que diferencia e estabelece fronteiras entre os povos. Dentro desta possibilidade tão abrangente que a constitui, nos voltaremos para a expressão da gargalhada da Pomba-gira. “A Pomba-gira é uma manifestação ritualística do feminino dentro da Umbanda<sup>1</sup>, que se apresenta através do transe mediúnico como mediadora de uma relação social ao feminino que está devastada pela repressão sexual” (DRAVET, 2014). Entretanto antes de adentrarmos de fato na figura da Pomba-gira e em seu papel com o feminino, vamos nos atentar ao conceito de incorporação e sua relação com a cultura.

Ainda à luz de Bystrina, pensamos a cultura caracterizada em 4 raízes: a raiz do sonho, a raiz do jogo, a raiz das drogas e a raiz da loucura. Essas raízes são

1 A Umbanda é uma religião brasileira que reúne fundamentos das religiões e cultos cristãos, espíritas, africanos e indígenas em sua constituição. Sua “fundação” está datada por volta do ano de 1920 no Rio de Janeiro. Essa religião agrega à suas bases a incorporação e a crença em espíritos. Entre as diversas manifestações destes espíritos está a Pomba-gira, responsável, principalmente, pelo trabalho com as energias relacionadas ao feminino e às relações amorosas.

diferença do Eu e do Tu resgata a individualidade e possibilidade do corpo quanto texto e caminho para uma construção de significados. Significados que nem sempre são óbvios. Ao contrário, que inúmeras vezes se compõem do não dito, do gesto, da expressão, da intenção.

Pelo fato de não possuímos nem a palavra, nem o pensar, de estes nos possuírem, existe, muito além das significações, a “massa silenciosa do discurso”, situando-se a palavra entre dois silêncios. Essa massa não é da ordem do dizível. As linguagens não falam somente de si mesmas, elas vivem do silêncio, diz Merleau-Ponty. Nela “afloram relações profundas de vivência, de literatura, de poesia” (MARCONDES, 2010, p.62).

O corpo carrega em si inúmeros signos que compõem seu texto e dão sentido aos seus vários significados. Ele constrói a relação entre a materialidade de sua substância e a imaterialidade do pensamento. O corpo-texto se integra na cultura, no cotidiano e nas mudanças que todos vivem. Ele reverbera sinais de mudança e transformação social, de construção e desconstrução de pensamentos e ideologias, de posicionamentos marginais ou favorecidos, entre tantos outros aspectos. O corpo fala e se utiliza das mais variadas linguagens para praticar essa ação.

Portanto, torna-se imperioso também enxergar o corpo enquanto texto. E todo texto é uma unidade que complexifica, se altera e se transforma com a história, porque é fruto de um diálogo com os outros textos, com outros tempos, com o passado e a memória, mas também com o futuro e os projetos, sonhos e utopias” (BAITELLO, 1999, p.5).

A intenção impressa nas atitudes, nas escolhas, nas posturas e nas expressões compõem um rico leque de possibilidades, signos e informações pertencentes ao corpo, mas também, pertencentes à cultura e ao outro que com ele divide essas intenções. “A cultura é condicionada essencialmente pelo inconsciente” (BYSTRINA, 1998, p.16), e o corpo vivencia esse inconsciente por meio dessas mesmas intenções. Retomamos o pensamento sobre o lugar da fala, que habita o entre. A cultura também habita um entre partilhado pelas intenções expressas pelo corpo e seu inconsciente; pelo corpo Eu e o corpo Tu.

formas elaboradas pelo homem para criar ambientes favoráveis à sua saída da 1ª realidade. Ou seja, a uma saída do cotidiano pragmático. “A cultura é um fenômeno comunicativo do imaginário que possui caráter metafórico. O que é puramente pragmático não é cultura” (IASBECK, 2014). A cultura busca a 2ª realidade, o imaginário, a fantasia. Ela se alimenta do que ali colocamos. A poesia, o místico e a sensibilidade também constituem a 2ª realidade, porque reconstruem nossa relação com a 1ª realidade e seu “real”. “A cultura não é tanto uma questão de razão, embora a razão também participe ativamente. A cultura é condicionada essencialmente pelo inconsciente” (BYSTRINA, 1998, p.16).

Nesse aspecto, a incorporação mística se torna um texto da cultura. Relacionada ao contexto da Umbanda, ela traz a dimensão do “transe mediúnico” como uma experiência onde o corpo ressignifica a 1ª realidade em que está inserido, permitindo-se sair da lógica e sistematização cotidiana com o afloramento do sensível. Na Umbanda, espíritos e energias se manifestam no plano físico através das incorporações. Corpos abertos e receptivos a uma manifestação vinda do outro estabelecem uma nova possibilidade de comunicação. “A possessão é altamente dialética e individualizadora: a mulher médium e o espírito de um antepassado feminino trocam suas experiências, precisam uma da outra, a ponto de não mais se distinguir quem é quem” (LAGE, 2012, p.529).

A experiência da incorporação, aqui chamada de possessão por Lage, retoma as raízes da cultura no sentido que esta agregada ao valor místico e ritual, como nos casos dos terreiros de Umbanda, traz a superação da 1ª realidade pela experiência com o outro, com o invisível. A crença neste outro que é impalpável nos lembra os xamãs que trabalhavam com a tradição oral e a força mística de seu povo. “Os xamãs atuavam tanto na primeira quanto na segunda realidade. Na primeira, os xamãs, eram seres humanos; na segunda realidade eles aparecem como deuses [...] Os xamãs aparecem ainda como semi-deuses e heróis, como acompanhantes dos mortos, ou então como dominadores dos espíritos” (BYSTRINA, 1998, p.27). Eram elos, mediadores de elementos que não caberiam na 1ª realidade. E a incorporação retoma essa possibilidade de elo, de mediação entre o sagrado e profano.

A incorporação da Pomba-gira, que é realizada tanto por homens quanto mulheres, traz um outro olhar para a repressão e castração do feminino dentro da sociedade. A experiência da incorporação resgata vivências fundamentais na constituição huma-

na. Quando na situação dos homens que incorporam essa entidade, elas renovam o poder feminino dentro do masculino. Quando das mulheres, as Pomba-giras ressurgem como personificações do empoderamento e da transgressão da mulher que muito fora castrado socialmente, porque elas sugerem uma totalidade que envolve tanto a ordem quanto o caos como constituidores deste feminino. “[Levinas] Fala que a feminilidade é a alteridade absoluta, total. Feminino, para ele, é a própria alteridade, tanto no sentido da mulher como “acolhimento hospitaleiro do outro”, como na relação erótica” (MARCONDES, 2010, p.42). Esse é o caminho da Pomba-gira, um feminino “total”, pleno, que consegue acolher o outro e por isso estabelecer elos de identificação.

Esta experiência proporciona uma nova relação com o mundo onde culturalmente se constrói ambientes simbólicos repressores e limitados. É a chance de ressignificar os problemas vividos na 1ª realidade pelo mediador. Médium que faz o vínculo entre essa nova possibilidade e o cotidiano desgastado. “É claro que todo mediador é ambivalente porque a sua função é conduzir, simbolicamente, algo ou alguém de um polo a outro. Na 1ª realidade esses polos não poderiam ser unidos porque não haveria um mediador” (BYSTRINA, 1998, p.15).

A incorporação agrega as diferentes raízes em uma mistura de jogos, sonhos, loucura e torpor para ir além das fronteiras sociais. Experiência de abertura à comunicação e à vivência de um ato comunicacional. Marcondes nos coloca esse momento como metáporo. O corpo que se abre e se permite preencher pelo outro para construir um momento durante onde a comunicação habita. A incorporação nos sugere não apenas o deixar-se estar com uma outra energia, mas nos rememora o deixa-se estar com a própria comunicação. Talvez, seja a experiência plena de vivenciar o metáporo.

Metáporo supõe um ato de permitir o acesso, de deixar entrar, de liberar, de hospedar o outro, de me atravessar. O próprio observador se “porifica” abrindo a corrente de água enquanto nada. Água que o preenche, que o perfura, que o atravessa como se ele fosse uma tela, que o dissolve nela. A integridade dilui [...] É um novo olhar ao evento comunicacional, é igualar-se em sua velocidade, é sentir e pensar, viver e trabalhar o vivido, ter a experiência no próprio corpo e dela extrair descrições, relatos, exposições, textos; transformar o vivido em depoimento, em testemunho vivencial” (MARCONDES, 2010, p.263)

## A POMBA-GIRA E A GARGALHADA

“Foi em uma estrada velha, na subida de uma serra  
Numa noite de luar (de luar, de luar)  
pomba gira da Figueira, Moça bela e faceira  
Dava o seu gargalhar”<sup>2</sup>

Já percorremos a relação entre o corpo e a comunicação pela perspectiva da mídia primária, da alteridade e do texto. Já observamos o aspecto da incorporação mística dentro da semiótica da cultura e do metáforo, e abordamos superficialmente sua representação pela Pomba-gira. Experimentaremos, nesse capítulo, analisar a significação da gargalhada relacionada à Pomba-gira. Ao considerarmos a posição do corpo como agente texto da cultura abarcamos diversas manifestações ligadas ao imaginário popular como expressão e ato comunicacional deste corpo que fala.

A Pomba-gira é uma manifestação mediúnica, como já citamos, e nesta manifestação inúmeras ações lhe são características. Entre elas estão o girar, o gargalhar, o balançar a saia, entre outros. Cada elemento gestual que por ela é apresentado está revestido de uma simbologia e um significado que dizem respeito ao equilíbrio, à movimentação de energias e à sua afirmação no imaginário popular. “Assim, cada gesto diz o que diz porque é também resultante de uma história, de interações e de interferências” (BAITELLO, 2001, p.3). Essas características conferem uma proximidade entre as presenças do mediador e da pessoa que procura a entidade. “A fala fala em mim” e é assim que o corpo media sua abertura. A fala do corpo sugere mais do que sentença.

A Pomba-gira alude o feminino fluídico, sinuoso, curvo, líquido. Em cada incorporação que partilha, “cada pessoa sai de si mesma numa explosão fácil, abrindo-se, ao mesmo tempo, ao contágio da onda que repercute como as ondas do mar, cuja unidade é igualmente indefinida e precária” (MARCONDES apud BATAILLE, 2010, p.29). Seus gestos e intenções constroem um novo jogo a cada situação, a cada história e a cada pedido. Pensar em sua gargalhada abre uma construção plurifacetada onde os significados desse riso que vibra encontra de fato esse mar descrito por Bataille. A gargalhada sugere a alegria, o deboche, o escárnio, a liberdade. O que mais podemos encontrar nela?

<sup>2</sup> A citação é um Ponto Cantado. Os pontos são cantigas entoadas pelos participantes da Umbanda para evocação das entidades e guias que irão trabalhar naquele dia. É também uma forma de expressão oral a cerca das histórias e características que cada linhagem possui.

Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo... Quando gargalhou, fez-se a luz... Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo.” Depois, pouco antes do sétimo riso, Deus inspira profundamente, mas ele ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce a alma” (MINOIS, 2003, p.21)

Deuses nascem, a luz nasce, a água, a comunicação, a geração, o destino e o tempo; todos filhos da gargalhada de Deus. Até mesmo a alma, que nasce das lágrimas nascidas de uma gargalhada. O que mais podemos encontrar nela? A comédia e a tragédia, o bem e o mal. E o que mais? “O riso desvela a realidade ou a oculta?” (MINOIS, 2003, p.29). Aí está a 2ª realidade que nasce da 1ª e desabrocha carregada de poder. Poder em transformar o que parecia óbvio e certo em outra coisa, algo distante deste pragmatismo. Esta questão vai de encontro com a própria natureza do feminino. Natureza que acolhe e que assusta.

Deméter “reinava” por seu sorriso, ele próprio provocado por um riso que sai da matriz corporal, do sexo feminino. Pensa-se aqui no famoso quadro de Coubert, a *Origem do mundo*: o ventre feminino é a origem da humanidade inteira, verdade obscena e insuportável para alguns, mas suprema derrisão para o orgulho humano” (MINOIS, 2003, p.24).

195

Verdade obscena, mas incontestável. O riso provocado pelo corpo acolhe o fato. A origem do mundo também ri, e de seu riso nasce a humanidade. Nasce, renasce, transforma e isso assusta. Pomba-gira roda em si mesma, coloca o mundo em movimento. Roda a saia, mexe com as mãos e gargalha. Tira a água de seu estado parado, suspenso e atira uma, duas, três pedras para ver o que dali ecoa. O feminino gargalha junto com o corpo que incorpora. Gargalha de dentro para fora, gargalha homem e mulher. Por quê? Podemos supor que a gargalhada da Pomba-gira evoca o inconsciente de quem a incorpora e de quem fala com ela. Ela resgata o que foi e ainda é censurado.

O místico sobe da alma para a consciência (não há uma grande diferença). Nós somos muito mais motivados pelo inconsciente do que pelo consciente, porque temos um superego que censura os processos conscientes. Das profundezas vêm os autênticos motivos, mas vêm velados” (BYSTRINA, 1998, p.34).

Este feminino vem liberto por derrisão? Talvez. Por necessidade de compor um polo cultural de oposição? Talvez. O certo é que vem. E está, assim como

o corpo, presente. A origem da palavra gargalhar está no grego e no latim, “é onomatopeia do ruído da água durante o gargarejo ou o da garganta quando o alimento é engolido sofregamente” (CUNHA, 2010, p.311). Gargalhar é o próprio som do corpo, sua fala sobre algo que adentra, que perpassa. A gargalhada da Pomba-gira não é um adormecimento, ao contrário, é voz do corpo que derrama, que perpassa o corpo e ecoa. É um giro na razão, constatação desse feminino que incorpora e comunica.

Quando Levinas fala feminino, ele não está pensando nas mulheres. Feminino é um medium que nos põe em contato com a Infinitude, com a transcendência. É o mesmo que pensa Proust, ao afirmar que as mulheres são dotadas desse atributo, portanto, o de despertar o amor e ter, agregado a elas, o poder de nos remeter às “forças invisíveis” (MARCONDES, 2010, p.43).

Esse feminino médium que nos põe em contato com a Infinitude gargalha porque sabe desse poder. A Pomba-gira partilha sua fala com o outro, mostra seu poder na gargalhada e sugere que o outro também se permita ao poder. “O riso humilha e provoca. É uma arma duvidosa que se encontra em todas as situações de conflito” (MINOIS, 2003, P.43). Essa possibilidade abre espaço para o enfraquecimento de repressões e julgamentos em que o feminino está submetido socialmente. A Pomba-gira traz esse aspecto equilibrador que o imaginário popular necessita. É a binariedade dos polos, como diria Bystrina. “Onde não existe perigo não há sinal, não há desafio. Isso significa que os conceitos, ideias ou objetos que não possuem seu correspondente polo negativo não podem ser sinalizados, não podem ser demarcados” (BYSTRINA, 1998, p.7). A Pomba-gira é a demarcação de um valor feminino. O imaginário se forma dessa necessidade em se auto-afirmar mas também de se contradizer, positivo e negativo em busca de um movimento equilibrador, ou o que Bystrina chamaria de tríade, árvore da vida. Observamos essa característica desde os tempos onde os gregos ritualizavam em suas festas a função do riso e compreendiam sua totalidade ao invés de uma dicotomia polarizada.

na festa grega, o riso, ritualizado, é um meio de exorcizar a desordem, o caos, os desvios, a bestialidade original. É uma espécie de reafirmação da ordem cultural e social, por meio da experimentação ritualizada da desordem. O riso festivo é, ao mesmo tempo, a irrupção do caos e sua autodestruição. O aspecto mágico é flagrante. Em um parêntese claramente circunscrito, a desordem surge sob a forma do riso e, ao mesmo tempo, é morta pelo riso, pela autoderrisão e pelas zomba-

rias mútuas de todos os atores mascarados que encarnam, cada um, um aspecto das proibições e dos medos. De um só golpe, a ordem social é recriada e confortada em sua normalidade” (MINOIS, 2003, p.33).

Os ritos são os momentos onde vivemos as passagens. Passagens necessárias para a construção e afirmação do imaginário cultural. A separação, a marginalidade e a agregação constituem ritos e momentos ritualizados que acompanham a formação cultural até os dias de hoje. A incorporação da Pomba-gira e sua gestualidade abrem espaço para a experiência ritualizada destes momentos. Nos terreiros, é comum ouvir que a gargalhada da Pomba-gira limpa, descarrega a energia acumulada abrindo caminho para o novo que vem, ou para que os caminhos de quem a procura fiquem abertos. A crença nesta competência do riso reflete a crença no próprio feminino e em seu poder. Gargalha-se e surge um novo mundo, todos nascem. E o que mais poderíamos encontrar na gargalhada senão a própria vida?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo experimentamos o diálogo entre os conceitos de corpo, cultura, Pomba-gira, incorporação e ato comunicacional em uma tentativa de construirmos um caminho possível entre a comunicação e o corpo. Caminho este, ligado aos eventos sensíveis de natureza espiritual e amparados pelas teorias da área. Ao colocarmos a gargalhada da Pomba-gira como texto cultural descrevemos a manifestação mística como fenômeno cultural e semiótico.

Aceitamos o simbólico como substrato suficientemente capaz de construir hipóteses, desmistificando a necessidade da objetividade e do pragmatismo para amparar discussões sobre o místico. “Nossa ilusão de objetividade estaria ancorada no equívoco de se achar que se pode sentir o outro, quando no máximo, pode se ter, com ele, algo em comum” (MARCONDES, 2010, p.252), e foi justamente esse algo em comum que tramou à análise da incorporação com o próprio ato comunicacional, experiências passíveis de serem vividas em diferentes camadas.

## REFERÊNCIAS

- BAITELLO, Norval Jr. *A mídia antes da máquina*. Rio de Janeiro: JB Online, Caderno Idéias, 1999.
- \_\_\_\_\_, Norval Jr. *O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- \_\_\_\_\_, Norval Jr. *A era da iconofagia – Ensaios de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BYSTRINA, Ivan. *Lições de Semiótica da Cultura* – Pré - Print do CISC, PUC/São Paulo, 1998
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* – Rio de Janeiro, Lexikon, 2010.
- DRAVET, Florence. Conversa trocada via whatsapp em 02 de julho 2014.
- IASBECK, L. Aulas ministradas durante o 1º semestre de 2014 na disciplina de Comunicação, Informação e Significação – Mestrado em Comunicação, Universidade Católica de Brasília.
- LAGES, S. R. C. (2012). *Possessão e inversão da subalteridade: com a palavra, Pombagira das Rosas*. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 527-535.
- MARCONDES, Ciro. *O princípio da razão durante – O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- MINOIS, G. *História do riso e do escárnio* - tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: UNESP, 2003.